

Polarização pandêmica: efeitos de sentido produzidos por cartazes em manifestações pró e contra governo bolsonarista

Ana Sousa da Silva*

Resumo: O presente artigo insere-se no campo de investigações a respeito dos efeitos de sentido produzidos em determinados enunciados a partir de suas condições materiais de produção. Portanto, seguiremos o referencial teórico da Análise do Discurso de linha francesa orientada por M. Pêcheux e E. Orlandi, tomando a concepção de enunciado dividido (COURTINE, 2009) relacionando-o à atuação da memória discursiva (ORLANDI, 2006) e de pré-construídos (INDURSKY, 2011). Assim, poderemos analisar as discursividades urbanas (cartazes) em manifestações de rua pró e contra Bolsonaro.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Heterogeneidade enunciativa. Enunciado dividido. Protestos.

Abstract: This article is part of the field of investigations regarding the effects of meaning produced by certain utterances from their material conditions of production. Thus, we will follow the theoretical framework of French Discourse Analysis guided by M. Pêcheux and E. Orlandi, taking the concept of divided utterance (COURTINE, 2009) relating it to the performance of the discursive memory (ORLANDI, 2006) and pre-constructed (INDURSKY, 2011). From that, we will be able to analyze these urban discursivities (posters) in street demonstrations for and against Bolsonaro.

Keywords: Discourse Analysis. Enunciative heterogeneity. Divided utterance. Protests.

Resumen: Este artículo se enmarca en el campo de las investigaciones respecto a los efectos de sentido que producen los enunciados a partir de sus condiciones materiales de producción. Luego, seguiremos el marco teórico del Análisis del Discurso francés orientado por M. Pêcheux y E. Orlandi, tomando el concepto de enunciado dividido (COURTINE, 2009) relacionándolo a la actuación de la memoria discursiva (ORLANDI, 2006) y de pre-construidos (INDURSKY, 2011). Así, podremos analizar estos discursos urbanos (carteles) en manifestaciones callejeras en favor y contra Bolsonaro.

Palabras clave: Análisis del Discurso. Heterogeneidad enunciativa. Enunciado dividido. Protestas.

* Mestranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). <http://orcid.org/0000-0003-1198-8483> / E-mail: ssousa_ana@hotmail.com.



Introdução

No final de 2019, começamos a ter notícia no Brasil do surgimento de um vírus muito perigoso na China. Naquele momento, não tínhamos a dimensão do que estava por vir. Afinal, a China estava tão longe. Se fosse chegar ao Brasil, demoraria muito. Subestimamos o desconhecido, mas não fomos subestimados por ele. O Coronavírus (COVID-19) chegou. E chegou com tudo. Em questão de meses, milhares de pessoas se contagiaram.

Este cenário fez ressaltar, ainda mais, a realidade social desigual brasileira. Como demonstrou o artigo *Evolução e disseminação do SARS-COV-2 no Brasil*¹, o contágio no Brasil pelo vírus pode ser relacionado às viagens realizadas ao exterior por um grupo privilegiado economicamente. Por conseguinte, o vírus alastrou-se pelo país encontrando campo fértil (sobretudo) em cidadãos que vivem em situação de vulnerabilidade social: sem acesso a saneamento básico, à água, a recursos econômicos para comprar máscara, álcool; que compartilham a casa com muitas outras pessoas, mas que, mesmo assim, precisam sair de casa para ir trabalhar (os que têm trabalho) sob o risco de perder o emprego.

Juntamente a toda essa precariedade, surgiu a falta de vacina. De acordo com o gerente-geral da farmacêutica Pfizer na América Latina, Carlos Murillo, em sua fala na segunda semana de depoimento (pronunciada no dia 13 de maio de 2021) da CPI da Covid, o Governo Federal rejeitou três ofertas de 70 milhões de doses realizadas pelo laboratório entre maio e junho de 2020². Dessa forma, as primeiras doses começaram a

¹ O artigo, cuja autoria é múltipla, foi publicado em 2020 na revista Science 369. O texto é fruto de estudo apoiado pela FAPESP e divulgado na plataforma medRxiv. Disponível: <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.06.11.20128249v1>. Acesso em: 28 nov. 2022.

² Essas afirmações de Carlos Murillo estão disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=qUbjb_tXzZw. Acesso em 28/11/2022.

ser aplicadas a partir de 17 de janeiro de 2021, como ressaltou a Bio-Manguinhos/Fiocruz (2022)³.

Diante de tanto medo, insegurança e da demora do Governo Federal à compra dos imunizantes, dos mais de 150 mil brasileiros – número divulgado pelo Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS)⁴ – que perderam a vida sem a possibilidade de se vacinarem⁵, do aumento do desemprego e da inflação, o país colapsou. Em resposta a esse contexto, intensificaram-se os protestos Brasil afora.

A primeira grande manifestação, a qual foi convocada pelo presidente, ocorreu no dia 15 de março de 2020, cuja pauta era sair às ruas a seu favor e contra o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal. Em resposta a esse ato, nos dias 17 e 18 de março, ocorreu, por várias cidades do país, o *panelaço* (movimento no qual as pessoas batem panelas na janela de suas moradias), marcando oposição ao governo.

Com o aumento das manifestações, cresceu também a polarização⁶ sociopolítica (polarização esta que se acentuou a partir das eleições de 2018, as quais elegeram o presidente Jair Bolsonaro). Desde que as manifestações começaram, milhares de pessoas têm ido às ruas protestar ou tem se manifestado até mesmo a partir de suas casas.

Durante os protestos na rua, um elemento em especial chamou a nossa atenção: os cartazes levados pelos participantes. Se, por um lado, grupos pró-Bolsonaro apresentam cartazes com os dizeres “O povo apoia Bolsonaro”; por outro lado, grupos contrários ao governo apresentam cartazes com o seguinte enunciado “Fora Bolsonaro”. Nos encontramos diante, portanto, de enunciados antagônicos.

Uma vez que, como sinala Pêcheux ([1990] 1997), todo sujeito é assujeitado pela língua e pela ideologia, interessou-nos entender os efeitos de sentido produzidos por esses enunciados presentes nos materiais apresentados por esses sujeitos, que não são

³ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/vacinacao-contracovid-19-no-brasil-completa-um-ano>. Acesso em: 28 nov. 2022.

⁴ Dados sobre os óbitos estão disponíveis no gráfico *Óbitos Acumulados por dia*, na página do CONASS: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

⁵ Ressaltamos que esse número foi muito maior ao longo dos meses subsequentes.

⁶ Por polarização, nos valemos da concepção apontada por Evangelista (2020, p. 25), que a entende como “o processo por meio do qual a diversidade político-ideológica passa a ser compreendida exclusivamente em termos de nós contra eles, num suposto jogo de soma zero”.

neutros, tampouco são fonte do que dizem, mas que, sem perceberem, (re)produzem outros dizeres.

Assim, tendo em vista a atualidade do tema e a necessidade de diálogos, mediante defesas de posicionamentos de maneira tão acirrada (ou você está comigo x ou você está contra mim), típicas da polarização, e não deixando de acercar a teoria – que, por muitas vezes, se mostra tão distante de nós – às demandas que nos urge é que esse breve artigo, que tem por finalidade propor uma reflexão inicial, se justifica.

Entretanto, antes de adentrarmos às questões teóricas, trataremos um breve panorama acerca de protestos brasileiros que nos marcaram como resistência(s). A escolha pelos protestos que serão explicitados assim como toda a nossa escrita revelam o nosso envolvimento neste trabalho, pois acreditamos que estamos implicados, enquanto pesquisadores, no tipo de conhecimento que produzimos: “Estar implicado (realizar ou aceitar a análise de minhas próprias implicações) é, ao fim de tudo, admitir que eu sou objetivado por aquilo que pretendo objetivar” (AGUIAR; ROCHA, 2007 apud ARANTES; DEUSDARÁ, 2017, p. 812).

Em um segundo momento, apresentaremos o referencial teórico que será basilar à nossa análise, explicitando a Análise do Discurso na qual nos ancoramos bem como as concepções de sujeito, discurso, formação discursiva, heterogeneidade enunciativa e enunciado dividido, as quais serão mobilizadas às análises. Posteriormente, traçaremos o percurso metodológico o qual elucidará o caráter da pesquisa, os enunciados selecionados às análises, as justificativas à seleção dos mesmos e os nossos objetivos de análise. Por fim, encerraremos esse artigo com as conclusões (que não são finais, mas sempre abertas) as quais chegaremos.

1 As manifestações e seus gritos

Como destaca Scherer-Warren (2014), as grandes manifestações não são um fato inédito no Brasil. Temos uma história de manifestações contemporâneas nas quais a juventude ou os estudantes foram protagonistas relevantes ou principais. Desde meados

do século passado (ou seja, do século XX), mobilizações como as que se colocavam contra a ditadura, as Diretas Já, os Caras Pintadas, o Grito dos Excluídos, dentre muitas outras são importantes capítulos da nossa história.

A campanha das Diretas Já, por exemplo, considerada “a maior mobilização popular já vista na história do Brasil” (SANTOS, 2007, p. 41), tendo começado em 1983 e estendendo-se até 1984, seu objetivo era a retomada das eleições diretas à presidência da República brasileira, já que, naquele momento, o país estava sob regime ditatorial (regime este que muitos pedem a volta hoje). Apesar de toda essa mobilização, as eleições diretas somente aconteceram cinco anos depois, em 1989.

Os caras-pintadas, por sua vez, como destacam Arenado *et al.* (2010), foi um movimento social marcado por grandes passeatas cujo objetivo específico era o *impeachment* do então presidente Collor. Objetivo esse que foi concretizado (ARENADO *et al.*, 2010). Assim, o movimento reuniu

inicialmente 10 mil pessoas, depois 30 mil, até chegar à marca de 400 mil pessoas. [Ainda segundo as autoras] uma manifestação que marcou a época foi a do dia 16 de Agosto de 1992, dois dias após Collor ter pedido ao povo em rede nacional que fossem as ruas de verde e amarelo para defender seu governo. No entanto para surpresa do presidente, os manifestantes saíram vestidos de preto, em sinal de luto pelos escândalos de corrupção do governo que surgiram. (ARENADO *et al.*, 2016, p. 7).

Para finalizarmos o nosso breve panorama, destacamos o movimento Grito dos Excluídos, que se mantém até os dias de hoje. Tendo sido realizado pela primeira vez no dia 7 de setembro de 1995, surgiu como um contraponto ao Grito da Independência. Segundo a página institucional do grupo Grito dos Excluídos, seu objetivo é refletir acerca da soberania nacional. Neste sentido,

O Grito se propõe a superar um patriotismo passivo em vista de uma cidadania ativa e de participação, colaborando na construção de uma nova sociedade, justa, solidária, plural e fraterna. (GRITO DOS EXCLUÍDOS, [20--?], n. p.)⁷.

⁷ Mediante a ausência de autoria, bem como da falta de data e número de página, optamos por referenciá-lo com o nome do próprio grupo. A citação encontra-se no documento *História Grito dos/as excluídos/as*. Disponível em: <https://www.gritodosexcluidos.com/historia> . Acesso em: 16 set. 2021.

Hoje em dia, muitos gritam, mas não se escutam. Deparamo-nos com a história se repetindo: grupos heterogêneos (engajados em manifestações) articulados em torno de demandas sociais em prol da defesa de sua(s) ideologia(s). Além disso, uma vez que estamos inseridos em um contexto que está sempre mudando, essa evolução nos perpassa, nos (trans)forma. Se, no século passado, as manifestações eram divulgadas pelo boca a boca ou pelo rádio, hoje em dia as pessoas são convocadas (praticamente em tempo real) pelas redes sociais e milhões de pessoas são mobilizadas:

Isso causou uma enorme visibilidade na mídia e o respectivo impacto político, produzindo uma resposta rápida da parte do sistema político. Mas também produziu uma diversidade de demandas, muitas vezes conflitivas e antagônicas entre si. (SCHERER-WARREN, 2014, p. 417).

Partindo do pressuposto apresentado pelo Materialismo Histórico⁸ de que somos sujeitos sócio-históricos, portanto, concebidos no interior das relações sociais e determinados historicamente, nos atravessam tanto tradições políticas conservadoras, elitistas, como outras mais progressistas, emancipatórias.

A partir da análise dessas heranças históricas, observando o nosso contexto atual, nos deparamos, por um lado, com um grupo que vai às ruas para defender a volta da ditadura militar e do voto impresso auditável – o que nos parece por si só incoerente –, o uso da cloroquina (medicamento cuja eficiência contra o coronavírus não possui comprovação científica), dentre outras demandas.

Por outro lado, temos outro coletivo que defende a democracia, a vacina para todos e pedem a saída do presidente. Temos, portanto, polos que, por seus posicionamentos antagônicos, não conseguem, na maioria das vezes, dialogar. Há, portanto, uma tensão, e é a partir dessa tensão do que se mantém e do que se desloca que o nosso trabalho será desenvolvido. Deste modo, levando em conta esse contexto fragmentado, a nossa análise será feita sob caráter contrastivo.

⁸ Compreendido, em consonância com Cutrim e Marques (2017), como campo primeiro da AD. Para melhor entendimento acerca do Materialismo Histórico enquanto campo constituinte da AD, e da relação material entre História e sujeitos, ler artigo: *O materialismo histórico na epistemologia da análise do discurso*, das autoras mencionadas acima.

2 Percurso teórico

Uma vez que a nossa análise está ancorada na Análise do Discurso (AD) tal como proposta por M. Pêcheux, começaremos o nosso percurso teórico definindo o que consideramos como discurso. Assim, em consonância com M. Pêcheux (1990) definimos discurso como a produção de sentido em movimento, entendendo-o como efeito de sentido entre interlocutores. Desse modo, a partir da definição de Pêcheux, Perini (2019) explicitará que o discurso constitui-se:

no encontro do interdiscurso – uma dispersão de discursos outros que torna possível o dizer – com o intradiscurso – o que se formula no momento da enunciação – em condições de produção dadas, o que envolve o sujeito, a conjuntura sócio-histórica e conjuntura imediata do dizer. (PERINI, 2019, p. 131).

Entretanto, sabemos que, embora haja a dispersão de discursos, não é tudo que pode ou deve ser dito, já que os sentidos estão atrelados às formações discursivas (FDs). Assim, como sinala Pêcheux (1995), uma FD passa a ser entendida como aquilo que,

numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Ademais, para além de lugar social, Pêcheux vai pensar nas projeções discursivas (imagens produzidas) que os sujeitos ocupam no discurso. Ou seja, para além do ponto de vista sociológico, você, enquanto sujeito socio-histórico, pode assumir diferentes posições no interior desta intertextualidade (artigo): o lugar de leitor desse artigo, o lugar de analista do que está produzindo o artigo, o lugar de identificação com os grupos aqui mencionados, *etc.*

Isso porque o sujeito não é concebido como um sujeito empírico, como você que está lendo esse artigo. A noção de sujeito sob a qual estamos ancorados é uma noção teórica. Ou seja, concebemos o sujeito como uma posição discursiva que vai sendo preenchida de acordo com as posições assumidas nos enunciados. Em outras palavras, “não existe prática sem sujeito (e, em particular, prática discursiva sem sujeito), uma vez

que os ‘indivíduos-agentes’ [...] agem sempre na forma de sujeitos enquanto sujeitos” (PÊCHEUX, 1995, p. 214). Desta forma, portanto, o sujeito vai se materializando no discurso.

Essa noção de sujeito descontrói a vocação totalizante de que o sujeito seria completo, uno. De acordo com a AD, essa ilusão será dissimulada pela FD. Deste modo, portanto, o sujeito se identifica (ou não) com os sentidos produzidos em determinadas FDs. Assim, como elucida a Teoria não-subjetiva da subjetividade de Pêcheux, o sujeito não é a origem do seu dizer, não diz somente o que de fato quer, mas (re)produz dizeres outros.

Não obstante, essa ilusão acontece, pois há um apagamento desse outro, apagamento esse necessário à manutenção da homogeneidade ilusória do discurso. Para exemplificar, é como se fossemos andando pela praia tentando apagar o nosso próprio rastro para que não vissem que passamos por ali. Todavia, assim como os sujeitos, em suas diferentes posições, são múltiplos, o discurso igualmente é heterogêneo.

Como sinala Authier-Revuz (1990), a heterogeneidade do discurso pode ser constitutiva ou mostrada. Além disso, ainda de acordo com a autora, é difícil que haja um discurso homogêneo uma vez que “sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia (discursiva), se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28).

À visto disso, a partir da leitura de Authier-Revuz, Perini (2019) destaca:

Em todo discurso, ainda que se apresente como homogêneo, há sempre o Outro aí inscrito – este Outro com maiúscula corresponde ao (não) lugar do inconsciente e do interdiscurso, sendo, pois, o Outro irrepresentável. A homogeneidade do discurso, portanto, é uma ilusão ou efeito necessário à própria produção de discurso. (PERINI, 2019, p. 137).

Perini (2019) ressalta, ainda, que esse Outro “é aquilo que fala antes, em outro lugar: o esquecido, impossível para o sujeito acessar, mas que o constitui enquanto sujeito” (PERINI, 2019, p. 137). Quanto à heterogeneidade mostrada, como o próprio nome já diz, é aquela que aparece marcada (ou não marcada) linguisticamente no fio discursivo. Ou seja, ela se revela, de diferentes maneiras, na materialidade textual. Como

ressaltam Mesquita e Rosa (2010), a partir da superfície textual, podemos observar a presença de outros discursos, outras vozes. Em suma, como destacam os autores,

a heterogeneidade constitutiva não aparece no fio do discurso, é constituída por meio da presença do Outro. Ela ocorre quando discurso é colocado em relação de alteridade, quando ele se constitui na e pela presença do Outro. A heterogeneidade, nessas circunstâncias, é colocada como condição para o discurso. Já a heterogeneidade mostrada revela a presença de outros discursos ou de outras vozes indicadas na superfície do texto. Refere-se, portanto, à presença do Outro no discurso, de maneira que tal presença pode ser localizada por meio da análise. (MESQUITA; ROSA, 2010, p. 135).

Ao aprofundarmos ainda mais a análise, percebemos que os discursos não são apenas múltiplos, mas, dentro de um próprio enunciado, podem (co)existir enunciados cujas FDs são antagônicas. Trata-se de enunciados divididos, conceito apresentado por Courtine ([1981] 2009), o qual “reflete sobre o modo como em uma mesma materialidade linguística, linearizada no fio intradiscursivo – no fio do dizer – podem coexistir enunciados pertencentes a formações discursivas antagônicas.” (PAVAN, 2013, p. 77).

Ainda sobre o enunciado dividido, Pavan (2013), baseada em Courtine (2009), ressalta a característica da não comutabilidade dos elementos em posição X e Y. Ou seja, nos deparamos com a não possibilidade de substituição de elementos do texto. Analisemos, por exemplo, o seguinte cartaz:

Figura 1: Faixa pró-governo



Fonte: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2019/05/luta-politica-esta-nas-ruas-do-pais/>. Acesso em: 27 set. 2021.

O conhecido bordão de campanha utilizado pelo presidente Bolsonaro traz consigo um exemplo de enunciado dividido. O enunciado “Brasil acima de tudo/Deus

acima de todos” é uma apropriação, por parte do presidente, do brado da Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército, surgido no final da década de 1960, durante a ditadura militar. Portanto, vamos ao *slogan*:

Brasil X ☐ acima de tudo
Deus Y ☐ acima de todos

Ao analisarmos a sequência discursiva acima, observamos que o uso dos pronomes indefinidos “tudo” e “todos”, que, à primeira vista, não apresentam sentidos antagônicos, confrontam-se com as FDs religiosas as quais colocam a figura de “Deus” como o ser superior sobre o qual não há nada nem ninguém.

O enunciado presente em X remete às FDs nacionalistas, tal qual a ideologia vigente durante a ditadura incentivada por meio de campanhas ufanistas⁹, por exemplo. É possível relacioná-lo, ademais, ao sentimento de patriotismo exacerbado bem como ao brado nazista alemão “Alemanha acima de tudo”. Deste modo, produz-se o efeito de sentido de que quem não está a favor desse Brasil, ou seja, a favor da ideologia reverberada por quem está no poder, não pertence a esse Brasil. Melhor dizendo, “não deve ser reconhecido como brasileiro”.

Em Y, por sua vez, como já mencionado, temos um enunciado que dialoga com as FDs religiosas. Assim, os efeitos de sentido produzidos são de que, em nome de Deus, pode-se fazer tudo, ressoando-se, deste modo, pré-construídos nos quais Deus é onipotente. Não obstante, ao analisarmos o sintagma nominal “Brasil acima de tudo” e nos acercarmos ao pronome indefinido “tudo”, o Brasil passa a estar (inclusive) acima de Deus, já que o pronome em questão refere-se à totalidade das coisas. O sintagma “todos”, por sua vez, refere-se a todas as pessoas/conjunto determinado de pessoas. Deste modo, há um choque entre as FDs religiosas (enunciado Y) e o enunciado X, uma vez que nada poderia estar acima de Deus. Porém, como chegamos a essa análise?

Esses ecos de sentidos são possíveis graças aos pré-construídos que, como afirma Indursky (2011), referem-se à ressonância de discursos já postos em circulação, ou seja,

⁹ Campanhas promovidas pelo governo dos militares que mostravam um Brasil ideal, escondendo o atraso do país.

retomados de dizeres outros e à atuação da memória discursiva (todas as enunciações já ditas e silenciadas pelas condições de produção) a qual é “constituída pelo esquecimento” (ORLANDI, 2006, p. 21).

Neste sentido, Pêcheux destaca que a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto, surge “como acontecimento a ler, vem a restabelecer os ‘implícitos’ de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação do legível.” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

À vista disso, Camargo (2019) complementa que é através da Memória Discursiva que os nossos saberes ganham sentido. Entretanto,

esse sentido deve ser pensado como uma construção sócio-histórica datada e rememorada. [...] Assim, o conceito de Memória Discursiva está ligado a uma recorrência de enunciações, na qual ocorrem escolhas e elas são eleitas por aquele que o “eu” rememora, dentro de uma necessidade histórica que é singular ao seu momento de rememoração. Tal discurso ao mesmo tempo em que forja uma Memória Discursiva, impõe o esquecimento de outro discurso. (CAMARGO, 2019, n. p.).

Ressaltamos, ademais, que o que reiteramos a partir da nossa memória não são apenas contextos já vividos, já ditos, mas, nela, manifesta-se também uma rede de forças na qual o sujeito está imerso e pelas quais é afetado. Sendo assim, a memória não se configura apenas como dispositivo de recapitulação de anterioridades, mas também como dispositivo de subjetivação dos sujeitos.

3 Percurso metodológico

Como afirma Orlandi (2020), o percurso metodológico em AD não é linear, há um constante ir-e-vir entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Desta forma, nos valeremos da articulação proposta na AD por Pêcheux de língua, história e ideologia na qual, como sinala Silva (2005), “os sentidos estão sempre em relação a/à e as palavras já têm sentido antes que as falemos”.

Desse modo, ao falar, ao ir às ruas com seus cartazes, observamos, no fio discursivo (intradiscurso), as filiações a redes de sentido, a formações discursivas, cujas

fronteiras se deslocam em função dos jogos ideológicos aos quais este sujeito está alinhado (SILVA, 2005).

De caráter qualitativo, nossa pesquisa apresenta como *corpus* de análise cartazes presentes em manifestações de rua a favor e contra o governo do presidente Bolsonaro. A seguir, apresentamos os atos selecionados que serão contrapostos durante a análise bem como as datas de publicação desses materiais.

Quadro 1: Atos pró-governo

Atos a favor do Governo	Publicados em:	Atos contra o Governo	Publicados em:
15 de março de 2020	15 de março de 2020 às 11h22.	29 de maio de 2021	29 de maio de 2021 às 11h52.
7 de setembro de 2021	07 de setembro de 2021 às 12h25.	7 de junho de 2021	7 de junho de 2021 às 16h38

Fonte: A autora (2022).

A escolha pelo primeiro ato (15 de março de 2020) justifica-se em virtude da sua magnitude (muitos cidadãos participaram) e do contexto no qual o Brasil vivia (aumento dos casos de contágio pela COVID19 e falta de perspectiva de vacinação), sendo este o primeiro grande protesto de muitos que viriam posteriormente.

A partir dessa manifestação, as demais foram escolhidas através de buscas por manifestações ao longo dos anos de 2020 e 2021. Assim, tivemos por objetivo realizar a análise a partir de 4 atos, sendo dois atos a favor e dois atos de oposição ao governo, já que, desta maneira, haveria uma pretensa igualdade/equilíbrio.

Todas as manifestações foram pesquisadas através de *sites on-line* por meio da plataforma *Google* a partir da seguinte frase de busca: Manifestação no dia X contra o governo/Manifestação no dia X a favor do governo. Ressaltamos que, apesar da facilidade de se encontrar informações na *internet* hoje em dia, os dados a respeito dos contágios e mortes em páginas oficiais (como a do Ministério da Saúde, por exemplo) não foram encontrados facilmente assim como também não foram de fácil acesso as

imagens dos referidos protestos, requerendo-nos, assim, muitos dias de busca. Indisponibilidade que nos diz muito.

Nossa escolha por estas datas pautou-se na participação dos sujeitos nos eventos em questão. Optamos, assim, pelos eventos nos quais muitas pessoas participaram, uma vez que, dessa forma, teríamos à disposição um maior número de material disponível à nossa seleção, e, por conseguinte, uma maior diversidade fraseológica e enunciativa à análise.

Quanto às textualidades analisadas, selecionamos um cartaz referente a cada ato, pois, apesar da multiplicidade de cartazes disponíveis, os enunciados apresentaram-se repetitivos, mudando, em alguns casos, apenas a sua configuração (traduzidos para outros idiomas, por exemplo, o que também gera outros efeitos de sentido, mas que não fazem parte do escopo desse artigo).

Desta maneira, como primeiro critério à seleção do que viria a ser o nosso *corpus*, consideramos essas recorrências (enunciados que se repetiram) visto que a repetição funciona como indicador do dialogismo entre as várias vozes sociais existentes nesse contexto. Como afirma Mussio (2015), é através de tais vozes que os enunciados são tecidos, constituídos, ecoados e reverberados no dialogar das inúmeras ações humanas. O segundo critério que orientou a nossa escolha foram as perguntas de pesquisa as quais serão explicitadas na análise dos materiais (a próxima etapa do nosso artigo).

Assim, a partir do nosso gesto de análise, buscaremos analisar o que está para além do que as palavras dizem, os efeitos de sentido produzidos por esses enunciados, as formações ideológicas e discursivas que os tencionam, visto que, como afirmam Ernst-Pereira e Quevedo (2016), o que é o gesto de análise senão restaurar o processo discursivo que naturaliza efeitos de sentido, apagando na evidência o rastro da sua passagem?

4 **Análise do *corpus***

Chegamos, por fim, ao momento da nossa análise a qual se iniciará a partir do critério cronológico. Assim, à primeira análise contrastamos o cartaz referente à primeira manifestação pró-governo ocorrida no dia 15 de março de 2020 por várias cidades brasileiras (cartaz 1) e à manifestação antigoverno, concentrada em São Paulo, ocorrida no dia 29 de maio de 2021 (cartaz 2), dado que não encontramos manifestações expressivas de oposição ao governo no ano de 2020.

A partir dessa seleção, como assinalamos no resumo, relacionamos o *corpus* às concepções de heterogeneidade enunciativa e de enunciado dividido, levando em consideração, neste processo de (res)significação dos efeitos de sentido, o trabalho da memória discursiva e dos pré-construídos.

Deste modo, os seguintes questionamentos orientaram a escolha dos enunciados bem como o processo analítico:

1. Quais são as regularidades discursivas dos enunciados?
2. A partir de qual posição-sujeito¹⁰ esses cartazes são produzidos?
3. Quais são as relações e os efeitos de sentido estabelecidos?

Consideramos que à construção do nosso processo analítico precisaremos da análise de uma rede intra e interdiscursiva de formulações. Além disso, não temos como objetivo trazer respostas/análises fechadas, senão uma proposta de reflexão, uma vez que, como percebemos ao longo do *corpus*, os sentidos são sempre outros e estão em constante mudança. Começamos, portanto, a nossa análise.

4.1 Cartaz 1 – Manifestação pró-governo (15 de março de 2020) x Cartaz 2 – Manifestação antigoverno (29 de maio de 2021)

¹⁰ Courtine ([1981] 2009, p. 88) define posição-sujeito como “uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciador e o sujeito do saber de uma dada FD”. Citando ademais Pavan (2013), em uma FD convivem diversas posições que permitem a identificação dos sujeitos e, por conseguinte, a produção de efeitos de sentido.

Figura 2: Cartaz 1¹¹



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1661240212994236-protestos-pro-governo-no-dia-15-3>. Acesso em: 13 set. 2021.

Figura 3: Cartaz 2



Fonte: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/05/29/manifstantes-fazem-protesto-contrabolsonaro-em-bh.ghtml>. Acesso em: 13 set. 2021.

Nas formulações apresentadas acima, observamos o ecoar de dizeres proferidos por grupos pró e antigoverno. Assim, a partir dos dizeres presentes no cartaz 1, nos deparamos com a minimização da gravidade do coronavírus. Ao afirmar que o “coronavírus pode até matar mas tem solução”, recupera-se, a partir da memória discursiva, já-ditos proferidos também pelo presidente da república sobre o coronavírus como os dizeres *gripezinha*, *resfriadinho* ou ainda *vamos todos morrer um dia*¹², construindo, desta maneira, uma memória que é da ordem do social (INDURSKY, 2011) sobre o comportamento dos indivíduos que apoiam o atual governo.

¹¹ Transcrição do cartaz 1: “Coronavírus pode até matar mas tem solução. Já corrupção além de matar tende a perpetuar. O mito quer mudar.”

¹² Afirmações presentes no compilado de vídeos feito pela UOL, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oegOQ_IakoU. Acesso em: 28 nov. 2022.

Deste modo, ao analisarmos a posição-sujeito desse enunciador, temos um brasileiro que não acredita na gravidade do coronavírus (fato ressaltado pela falta do uso de máscara) e que é a favor do governo (o que é enfatizado a partir do sintagma que encerra o cartaz “o mito quer mudar”). Seu discurso, portanto, parte de uma FD política bolsonarista regida pelas ideias propagadas pelo atual governo brasileiro (descrédito e irresponsabilidade no trato com a pandemia) resultando, assim, na descrença e no descaso diante da realidade de milhares de mortos em decorrência do vírus.

Não podemos deixar de abordar, ainda, a contradição constitutiva desse enunciado:

- (1) Coronavírus X ☒ pode [até] matar
- (2) Coronavírus Y ☒ [mas] tem solução.

Diante dessa assertiva, o primeiro questionamento a ser feito é: tem solução para quem? O que se pode fazer depois da morte? O sujeito que fala em (1) é o mesmo que fala em (2)? Há, portanto, uma contradição entre o enunciado (2) introduzido pela adversativa “mas” e o anterior (1) (pode até matar). Assim, embora haja a tentativa de dissimular o sentido por meio do uso do intensificador “até”, nos defrontamos com o sujeito assumindo a posição discursiva de que sim, o coronavírus pode matar.

Desse modo, esse sujeito-bolsonarista, a partir da posição-sujeito assumida na FD política-bolsonarista, incorpora o enunciado presente em outras FDs refutando-o através da conjunção “mas”. Por conseguinte, a contradição constitutiva do discurso não emerge do contraste ou do choque de corpora homogêneos e antagonistas, mas, como afirma Pavan (2013), dos efeitos de sobredeterminação que se instalam. Ou seja, dos sentidos que se misturam, se fundem e se confundem no fio do discurso.

Por fim, temos ainda o enunciado *Já corrupção além de matar tende a perpetuar*, no qual é empregado novamente uma locução adverbial “além de” atenuando o sentido da assertiva anterior. Surge, deste modo, o questionamento: se a corrupção mata, como se perpetua?

Outra vez manifesta-se um enunciado dividido (COURTINE, 2009). Tanto as circunstâncias exteriores a este sujeito como o contexto pandêmico, o superfaturamento na compra de vacinas e a crise política, quanto à memória discursiva (ORLANDI, 2006)

pela qual o sujeito em questão é afetado, atuam em conjunto para a produção dos efeitos de sentido. Memória discursiva essa que reverbera enunciados como a culpa é do Partido dos Trabalhadores (PT), o Brasil é um país de corrupto, o corrupto é o outro, *etc.*

No cartaz 2, por sua vez, observamos uma vez mais a presença de uma rede de sentido(s) – dito(s) em outros lugares, por outros sujeitos – que se repete e se atualiza a partir da reivindicação, da luta contra o governo, uma vez que, como afirma Rocha (2014), é pela palavra que se atualizam as ações e, por isso, a palavra é o agente mesmo que intervém, que modifica, que produz e altera relações no mundo apresentado.

O protesto, como acontece ao longo da história do Brasil e do mundo, é usado como dispositivo de contestação. Assim, mesmo diante do perigo da aglomeração, da exposição ao vírus e de todas as demais consequências, é preciso ir às ruas. A posição-sujeito do enunciador em questão não é a de um sujeito individualizado, mas de um sujeito coletivo que convoca a todos, como podemos perceber na oração condicional “Se um povo vai às ruas protestar...”.

À vista disso, o discurso desse sujeito-coletivo se identifica a uma FD política antigoverno conduzida por FDs de oposição ao atual sistema político nacional as quais o consideram muito perigoso, corroborando, assim, à construção da imagem de um governo que é mais perigoso que o vírus. Vírus esse que já matou milhões de pessoas por todo o mundo. Outros dois elementos nos chamam a atenção nesse cartaz: o uso do adjetivo *plena* (em plena pandemia) e o uso da estrutura da oração condicional (Se um povo... é porque...).

No primeiro caso, o adjetivo funciona como um elemento que aponta à urgência da ação. Ou seja, o povo não está indo às ruas protestar em um contexto normal, mas em uma conjunção na qual coloca suas próprias vidas em risco, mas que, mesmo assim, é necessário que se faça, afinal, como interpretamos o cartaz, pior do que não ir às ruas é não se manifestar contra o governo.

No segundo caso, por sua vez, a oração condicional traz consigo outras vozes: as vozes que se justificam por estarem saindo para protestar contra o governo e as vozes que criticam a postura de quem está saindo para protestar contra o governo. Assim, o enunciado traz consigo um sentido de justificação (como se alguém pró-governo estivesse perguntando: mas se vocês são a favor do distanciamento social, por que estão

em um protesto/aglomeração na rua?), de contradição da própria ação de protestar frente ao que é defendido por esse grupo (seguir os protocolos sanitários, vacinar-se) e de defesa da própria ação (só estamos fazendo isso porque não temos outra opção).

4.2 Cartaz 3 – Manifestação pró-governo (7 de setembro de 2021) x Cartaz 4 – Manifestação antigoverno (7 de junho de 2021)

Figura 4: Cartaz 3¹³



Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/07/fotos-atos-pro-bolsonaro-no-7-de-setembro.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2021.

Figura 5: Cartaz 4



Fonte: <https://www.sinprodf.org.br/manifestacoes-pela-democracia-e-antirracismo-marcaram-o-domingo-no-brasil/>. Acesso em: 18 set. 2021.

¹³ Transcrição do cartaz 3: “Não ao passaporte sanitário. Não à vacina obrigatória.

No cartaz 3, o enunciado é construído a partir da negação do discurso do outro. Assim, em resposta à exigência do passaporte sanitário e da vacina para poder viajar, entrar em determinados espaços, diz-se “não”. O sentido, portanto, é determinado pela posição inscrita nas FDs (antivacina, pró-governo), uma vez como apontam Haroche, Pêcheux e Henry (2011, p. 26), “as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam. [...] as palavras ‘mudam de sentido’ ao passar de uma formação discursiva a outra.”.

Dessa maneira, como reflete Pavan (2013), a negação “funciona como uma cicatriz”. A partir dela, podemos adentrar o funcionamento do discurso pró-governo. Assim, o “não” não é concebido apenas como uma marca linguística, mas discursiva, “visto que tomamos a história como algo desde sempre imbricado na língua.” (PAVAN, 2013). Isso porque, como ressalta Pêcheux (1975 apud ORLANDI, 2020, p. 15), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.”

Isso posto, a partir da posição-sujeito autoritária adotada, não se está negando apenas a demanda contida no cartaz: nega-se o outro. Nega-se quem pensa diferente. Nega-se o diálogo (reforçado pela impessoalidade do enunciado e pelo uso do termo “não” centralizado e apresentado graficamente maior do que os termos posteriores, funcionando como se fosse a representação gráfica de um grito, de um silenciamento da voz do outro).

Novamente, no cartaz 4, não há a presença de um sujeito coletivo ou individual. Não obstante, assim como os cartazes analisados anteriormente, o enunciado nominal (sem verbos) funciona como instrumento de posicionamento a favor e contra pré-construídos, já-ditos, como veremos a seguir.

Ressaltamos, em primeiro lugar, o jogo com os advérbios “agora” e “depois” que funcionam como marcadores temporais à defesa do que explicitado no enunciado: a preservação da vida. Desse modo, o “depois” funciona como marca de que, no interdiscurso, existem enunciados que pedem a abertura do comércio, das escolas, *etc.*, sem levar em conta o risco que tais ações podem gerar à vida de todos.

Desta forma, não se trata somente de defender a vida, mas também de ir contra a ideologia propagada pelo capitalismo e reverberada pelo governo de que a economia não

pode parar. Assim, para além disso, o enunciado aponta à contradição presente nos discursos dos que defendem a economia, já que, sem vida, não há economia, não há futuro!

Por último, mencionamos o uso da *hashtag* (#) presente no cartaz. Inicialmente, usada em contextos virtuais, passou a ser usada em contextos “reais”, como em cartazes, por exemplo, produzindo, desse modo, um sentido de rede, de coletividade, de identificação em prol de uma causa.

5 Conclusão

Os cartazes funcionam como um microcosmo do mundo externo. Neles, residem a complexidade, os já-ditos, as ideologias, a atuação da memória e a atualização dos sentidos, que não estão à mostra, mas que precisam ser depreendidos, como se nós, analistas, fossemos arqueólogos escavando as areias do passado, não em busca da verdade, mas dos nós que entrelaçam toda essa tecitura.

Isso porque, em consonância com Courtine e Marandin (2016), os sujeitos falantes, tomados na história, podem estar de acordo ou se confrontar sobre o sentido a dar às palavras, falar diferentemente embora falem a mesma língua. Ou seja, o sentido surge conforme esses sujeitos (sócio-históricos), por meio da ideologia e da história, vão se filiando a determinadas FDs.

Por meio desse breve artigo, por meio dos enunciados analisados, nos deparamos com uma diversidade enunciativa por meio da qual pudemos observar os conflitos, as rupturas e a fragmentação do contexto social, político, econômico pela qual o nosso país vem passando (sobretudo desde o início de 2020).

Como afirma Rocha (2014), a prática discursiva traduz a indissociabilidade constitutiva que se verifica entre uma dada produção de textos e a constituição de grupos que, por um lado, produzem esses textos e, por outro, são a seu turno também por eles produzidos. Portanto, esses enunciados funcionam como um projeção do social. Assim, a imagem vista através dessa projeção dependerá de quem a olha (da memória

discursiva, etc.) e do lugar (social/condições de produção) no qual esses indivíduos estão inseridos.

Referências

ARANTES, P. C. C.; DEUSDARÁ, B. Grupo focal e prática de pesquisa em Análise do Discurso: metodologia em perspectiva dialógica. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 791-814, 2017.

ARENADO, Y.; CAVALHEIRO, S.; OLIVEIRA, E.; RUBIO, T. *Movimentos sociais: “caras pintadas” e “vem pra rua”*. **Anais do 14º Encontro Científico Cultural Interinstitucional**, [s. l.], p. 1-15, 2016. Disponível em: <https://www.fag.edu.br/upload/ecci/anais/5b91289bbo99b.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celene Cruz e João Wanderley Geraldi. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990.

CAMARGO, C. M. dos S. Memória discursiva e a Análise do Discurso na perspectiva pecheuxtiana e sua relação com a memória social. **Revista Saber Humano**, Restinga Sêca, v. 9, n. 14, p. 167-181, 2019.

CANDIDO, D. S. et al. Evolution and epidemic spread of SARS-CoV-2 in Brazil. **Science** 369, “[s. l.]”, p. 1255-1260, 2020.

COURTINE, J-J. [1981] **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

COURTINE, J-J; MARANDIN, J-M. Que objeto para a análise do discurso? *In*: CONEIN, Bernard *et al.* **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. p. 33-53.

CUTRIM, I. G.; MARQUES, M. S. O materialismo histórico na epistemologia da análise do discurso. **Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará - UEPA**, [s. l.], p. 112-125, jul./set., 2017.

ERNST-PEREIRA, A.; QUEVEDO, M. Pré-construído e discurso-transverso: ferramentas de derrisão em uma charge de Latuff. **Revista do Programa de Pós-**

Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 325-339, 2013.

EVANGELISTA, D. F. **Polarização e movimentos sociais contemporâneos no Brasil e na França**. Rio de Janeiro, 2020. 275 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2020.

FOLHAPRESS. ‘Brasil acima de tudo’: conheça a origem do slogan de Bolsonaro. Brado paraquedista do Exército brasileiro surgido no final da década de 1960 inspirou o presidenciável. Grupo era chamado de Centelha Nativista. Publicado em 24/10/2018, às 16:51. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/brasil-acima-de-tudo-conheca-a-origem-do-slogan-de-bolsonaro-7r6utek3ukiaxzyruk1fjgnas/>. Acesso em: 27 set. 2021.

HAROCHE, C. et.al. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. In: BARONAS, Roberto. **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção conceito de formação discursiva. 2. ed., São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p.13-32.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F; MITTMAN, S; FERREIRA, M. C. L. (orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, p. 67-89, p. 2011.

MESQUISTA, D. P. C. de; ROSA, I. F. As heterogeneidades enunciativas como aporte teórico-metodológico para a Análise do Discurso de linha francesa. **Veredas Online - Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 130-141, 2010.

MUSSIO, S. C. Um olhar alteritário em Bakhtin: o estudo do enunciado como forma de diálogo. **Revista Soletras**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 178-190, 2015.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (orgs.). **Introdução às ciências das linguagens** – Discurso e textualidade. Campinas: Pontes, p. 11-31, 2006.

PAVAN, P. D. A negação do discurso-outro: efeitos de sentido em outdoors. **Revista Virtual de Letras**, Jataí, v. 5, n. 2, p. 74-88, 2013.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 311- 318.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 61-87.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PERINI, R. da C. O que se vê nas faíscas: sobre formações discursivas antagônicas, heterogeneidade enunciativa e enunciado dividido. **Revista Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 31, p. 130-148, 2019.

ROCHA, D. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 14, n. 3, p. 619-632, 2014.

SANTOS, R. M. T. **Na língua, na história e na memória: a imagem do movimento das “Diretas Já”**. São Paulo, 2007, 126 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007.

SCHERER-WARREN, I. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 417-429, maio/ago. 2014.

SILVA, M. V. da. Delimitações, inversões, deslocamentos: sujeito e história. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (orgs.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 199-208.

Recebido em 20/05/2022.

Aprovado em 30/08/2022.